



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8994 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Crítica genealógica à modernidade kantiana: Aufklärung parresiástica como base do governo democrático de si mesmo

Claudio Almir Dalbosco - UPF - Universidade de Passo Fundo

Miguel da Silva Rossetto - UPF - Universidade de Passo Fundo

Cláudio Bertotto - UPF - Universidade de Passo Fundo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Crítica genealógica à modernidade kantiana:

Aufklärung parresiástica como base do governo democrático de si mesmo

O debate acerca da modernidade e pós-modernidade dominou o cenário intelectual das duas últimas décadas do séc. XX, cujo respingo faz-se notar ainda nos dias atuais, sobretudo, no campo educacional. Questões complexas e polêmicas estão associadas ao tema, inclusive, a de saber se efetivamente existe uma condição pós-moderna e o que significaria em relação à própria modernidade.

A polarização acerca deste debate coloca, de um lado, os adeptos fervorosos do projeto moderno e sua crença no potencial emancipador da razão. Embora com o ensejo por uma razão crítica, esta versão forte da modernidade deixa de fazer seu próprio autoexame crítico. A ausência de autocrítica da razão torna-a autossuficiente e arrogante, conduzindo-a para o dogmatismo de visões de mundo, que se manifesta também no campo educacional, revertendo-se na postura autoritária de gestores e professores. Deste modo, em nome dos ideais emancipadores da razão moderna, continuam alimentando o estado de menoridade e a relação viciada entre governo de si e dos outros que tal estado proporciona.

De outro lado, os defensores da pós-modernidade desacreditam no potencial emancipador da razão. Como mestres da suspeita, apontam acertadamente para todas as irracionalidades cometidas em nome da razão. O risco de uma posição pós-moderna extremada, tomada como antítese irredutível à modernidade e que certamente se distancia ela própria de tais mestres da suspeita, é o irracionalismo. Um adeus apressado à razão moderna pode fortalecer, contra a própria vontade pós-moderna, justamente aqueles aspectos destrutivos que ela pretende superar.

Vamos defender a hipótese, neste ensaio, que a leitura feita por Michel Foucault sobre a questão kantiana da *Aufklärung* oferece referências teóricas importantes para balizarmos criticamente os avanços e limites da modernidade, oferecendo-nos também bons argumentos para pensar o problema da formação humana inerente à questão da *Aufklärung*. Foucault

torna-se referência paradigmática porque, embora tenha sido tomado equivocadamente como modelo de um adeus apressado à razão, mostra em um de seus últimos cursos proferidos no Collège de France, intitulado de *O governo de si e dos outros*, a atualidade da modernidade kantiana compreendida como questão da *Aufklärung*. Ao investigar a herança greco-romana da *Aufklärung* kantiana, ele mostra o quanto sua própria ontologia histórica é tributária de uma longa tradição da filosofia prática, profundamente ligada ao conceito de educação parresiástica, que coloca as questões culturais e educacionais muito além da negação em bloco da modernidade.

O laço entre *parresía* e *Aufklärung*

Após as inúmeras críticas dirigidas à filosofia transcendental kantiana e à sua respectiva “analítica da verdade”, sabemos hoje, que o pensamento kantiano não é prisioneiro de sua própria filosofia transcendental e nem se deixa engalfinhar por um conceito dogmático de razão. Kant não se cansou de apostar na coragem de pensar por si mesmo, tomando-a como núcleo do esclarecimento que constitui a postura crítica capaz de enfrentar a minoridade da qual cada ser humano, por preguiça e covardia, é autoculpável.

No curso *O governo de si e dos outros*, o nexos buscado entre *Aufklärung* e *parresía* mostra, por um lado, o quanto Foucault está distante da imagem caricaturada daquele pensador pós-moderno que dera adeus apressado aos ideais da modernidade e, com isso, teria aberto mão do poder emancipador da razão. Por outro lado, abre, com tal afirmação, uma trilha promissora de investigação para compreender a atitude crítica como resultado do laço estreito entre *parresía* e *Aufklärung*.

No curso de 1982, intitulado *A hermenêutica do sujeito*, a *parresía*, num primeiro sentido, significa a condução da alma que acontece por meio de um uso especial da palavra que vai exigir dos envolvidos no diálogo um comprometimento na ação sobre aquilo que é dito. Em um segundo sentido, ao extrai-lo da Carta 75 de Sêneca, Foucault põe o falar franco e a coragem de dizer a verdade como núcleo constitutivo da *parresía*. Quando as relações humanas entre governantes e governados atingem este nível de franqueza, elas tornam livres os sujeitos envolvidos na relação. Em síntese, a *parresía* aparece como forma franca de governo da alma humana que tem no *exemplum* sua base ético-formativa de sustentação. Tal *exemplum* exige, tanto de governantes como de governados, colocar-se na ação e fazer permanentemente o exercício ético-reflexivo de si mesmo; por isso, a *parresía* exige do sujeito seu próprio exame crítico permanente.

No curso de 1983, na referência ao diálogo platônico Íon, vê-se a antecipação embrionária de um tipo de falar franco que será característico da *parresía* kantiana da *Aufklärung*, na medida em que a atitude de Íon pressupõe minimamente o direito político de fazer uso público democrático da razão, considerando que tal uso precisa acontecer no diálogo franco entre duas ou mais pessoas, visando a liberdade de cada uma delas e assegurando que todas elas possam se constituir como sujeitos de suas próprias ações. Em síntese, este saber parresiástico trágico contém duas características que serão cruciais ao exercício do esclarecimento kantiano como busca pela maioria: a liberdade no uso público da palavra e o poder dizê-la com franqueza.

Outro aspecto da *parresía* que Foucault extrai do pensamento de Platão e que também pode ser visto como antecipação embrionária da *Aufklärung* kantiana encontra-se nas Cartas, principalmente na carta VII, a qual refere a passagem do logos para o *érgon*, caracterizando a atitude formativa de Platão enquanto conselheiro político.

Em síntese, em um tempo histórico muito distante dos pensadores antigos, Kant acentua o nexos entre *parresía* e *Aufklärung* como decisivo para pensar a redistribuição da

relação entre governo de si e dos outros, visando com isso superar os vícios inerentes ao estado de menoridade. Contudo, de maneira semelhante aos pensadores antigos ele atribui aos sujeitos uma parcela significativa de responsabilidade de sua própria condição de menoridade. É precisamente este reconhecimento que dá o tom formativo à questão da *Aufklärung*, fazendo da coragem de pensar por si mesmo seu próprio mote.

O esclarecimento kantiano como atitude crítica

A exigência ético-formativa inerente à *parresía* antiga, enquanto uso livre e franco da palavra, referindo-se ao exercício comprometido do sujeito consigo mesmo e com os outros, será em certo sentido também o núcleo da *Aufklärung* kantiana. O pensamento crítico de Kant inaugurar um novo modo de fazer filosofia, dá origem a duas grandes tradições filosóficas contemporâneas, denominadas por Foucault de analítica da verdade e história da veridicção. Enquanto a primeira se concentra prioritariamente no campo lógico-semântico da verdade, a história da veridicção toma como núcleo a dimensão prática da filosofia, cuja origem parresiástica antiga consiste na “prática que faz em sua relação com a política, a prova da sua realidade” (FOUCAULT, 2013, p. 321).

O procedimento genealógico adotado por Foucault permite compreender a imbricação existente entre os clássicos da tradição filosófica, pondo o problema da “história do pensamento” e sua repercussão na cultura contemporânea muito além do debate excludente entre modernidade e pós-modernidade. Ora, é precisamente este procedimento que o permite ver no pensamento de Kant um pé cravado no passado e outro apontando para o futuro, na medida em que atribui ao filósofo o papel de pensar sua própria atualidade e a si mesmo enquanto sujeito que pensa tal atualidade.

Esta genealogia aparece claramente na interpretação que Foucault faz do texto *Was ist Aufklärung?* de Kant. O procedimento genealógico é constituído aí por duas dimensões, uma histórica e outra conceitual, que ao se imbricarem estreitamente entre si tornam-se exemplarmente formativas do modo como o pesquisador em geral pode se pôr diante do texto clássico e, também, de outras produções culturais mais amplas. Foucault demonstra na dimensão histórica por meio de quatro razões que permitem “fazer a genealogia, não tanto da noção de modernidade, mas da modernidade como questão” (FOUCAULT, 2013, p 15). Portanto, é a genealogia em sua dimensão histórica que possibilita compreender porque a modernidade tornou-se uma questão da *Aufklärung*.

À dimensão histórica engata-se a dimensão conceitual em que ele mostra como é possível e necessário tomar o texto em sua constituição argumentativa interna, desmembrando e analisando minuciosamente seus conceitos principais, reconstruindo os significados que possuem e indicando como tais significados se vinculam entre si. Como é precedida pela dimensão histórica, a reconstrução conceitual não se contenta tão somente com a exegese do texto. Guiado pela noção de filosofia como érgon ascético, o procedimento inere à realidade, visando à transformação do próprio sujeito que faz a reconstrução.

Tudo isso Foucault considera ainda só como uma questão de conjunto, servindo como propedêutica da interpretação do texto. Na sequência, ele passa para as questões propriamente específicas, considerando mais de perto a saída da menoridade para a maioridade como algo que torna a *Aufklärung* um problema crucial da atualidade. Ora, é precisamente na análise destas questões que vamos encontrar a herança da *parresía* antiga. Mas, como tal herança aparece aí efetivamente? Descobrir e inventariar os passos da resposta para esta questão nos auxilia a perceber tanto a originalidade filosófica de Kant como da própria interpretação de Foucault. Mais ainda – e esta é nossa hipótese –, tais passos deixam claro a base formativa

inerente à dupla dimensão constitutiva do procedimento genealógico. Ao proporcionar isso, tais passos permitem trazer à tona a própria ideia de formação humana pós-humanista que já está presente, ainda que de maneira latente, à modernidade como questão filosófica. Identificamos na genealogia foucaultiana – e também consideramos isso como parte de nossa hipótese interpretativa – três passos importantes.

Enquanto no primeiro passo já encontramos o vínculo entre saída da menoridade e atividade crítica, no segundo passo tal vínculo se aprofunda por meio do duplo movimento que caracteriza o estado de menoridade. Neste passo ocorre, segundo Foucault, a aposta de Kant no uso público universal da razão que é feito pelo escritor, considerando-o como representante exemplar dos sujeitos racionais. Estes dois passos oferecem algumas condições propícias para romper com a obediência irrestrita que caracteriza o estado de menoridade, impulsionando ao mesmo tempo a condição humana para a maioridade. Mas, em que consiste propriamente o estado de maioridade? Em que sentido tal estado proporciona o uso público crítico das capacidades humanas? Estas duas questões nos remetem para o terceiro passo da interpretação, a qual, embora já esteja subjacente aos dois passos anteriores, precisa ganhar agora evidência em nossa própria interpretação.

Foucault considera que – e este é o aspecto propriamente político da questão da *Aufklärung* moderna - a redistribuição da relação entre governo de si e dos outros coloca-se como exigência indispensável para tirá-la daquele âmbito vicioso caracterizado pela dupla dimensão negativa do estado de menoridade. Isto quer dizer, então, que é a concepção e o procedimento democráticos que permitem subverter a relação autoritária e embrutecedora entre obediência irrestrita e ausência de pensamento. Também é no âmbito democrático que se assegura a liberdade de raciocínio no uso público da razão, possibilitando que o escritor faça uso franco da palavra e possa assim tomar-se a si mesmo e aos outros como sujeito racional, porque é nesta condição que pode pensar de maneira abrangente. Tudo isso está diretamente relacionado com a coragem (capacidade) humana de pensar por si mesmo e só pode ser assegurada por tal capacidade. Precisamente por isso é que Kant tem a *sapere aude* em tão alta conta, pondo-a como mote da questão da *Aufklärung*. Em síntese, a *Aufklärung* como uma questão própria da modernidade caracteriza-se pela passagem da menoridade para a maioridade e tal passagem começa a acontecer quando o ser humano assume a coragem de pensar por si mesmo. Como na base de tal pensamento está a exigência parresiasca do autoexame permanente de si mesmo, movido pela palavra livre e franca que compromete o sujeito na ação, então, a redistribuição da relação entre governo de si e dos outros ganha uma ênfase nitidamente ética. Por isso que já em Kant e, também, depois, mais claramente em Foucault, a democracia só adquire valor político em sua dimensão ética, pois somente assim ela pode se transformar em modo de vida. Um modo de vida de dupla dimensão. Uma primeira dimensão que envolve o si (eu), onde está na capacidade de fazer uso da razão e uma dimensão que envolve o outro (sociedade) onde o uso livre e público da razão se efetiva na democracia.

Referências

AQUINO, J. A. O mau encontro entre escola e humanismo. In: GALLO, S.; MENDONÇA, S. (Org.). *A escola: uma questão pública*. 1ed. São Paulo: Parábola, 2020, v. p. 193-210.

ARENDDT, H. *Zwischen Vergangenheit und Zukunft*. Übungen im politischen Denken I. München/Zürich: Piper, 1994.

DALBOSCO, C. A. Metamorfoses do conceito de formação: da teleologia fixa ao campo de força. In: DALBOSCO, C. A.; MÜHL, E. H.; FLICKINGER, H. G. (Org.). *Formação humana (Bildung): despedida ou renascimento?* São Paulo: Cortez, p. 35-64, 2019.

- DALBOSCO, C. A. Foucault-Kant e a questão da Aufklärung como maioria pedagógica. ETD – Educ. Tem. Dig., Campinas, v.12, n.1, p.202-223, jul./dez. 2010. p.202-223.
- DALBOSCO, C. A.; DORO, M. J.; SALOMÃO, J. B. Ideia de educação pública e cultivo das capacidades humanas. In: *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 26, n. 1, p. 157-176, 2021.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da antropologia de Kant*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GIACOIA JUNIOR, O. Sobre Jürgen Habermas e Michel Foucault. In: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, p. 19-32, 2013.
- GEUSS, R. Kritik, Aufklärung, Genealogie. In: HONNETH, A.; SAAR, M. (Hrsgs). *Michel Foucault Zwischenbilanz einer Rezeption*. Frankfurter Foucault-Konferenz 2001. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.
- HEGEL, G. W. F. *Hauptwerke in sechs Bänden*. Band 6: Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse. Darmstadt: WBG, 1999.
- KANT, I. *Schriften zur Anthropologie, Geschichtsphilosophie, Politik und Pädagogik*. Band VI. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.
- KRAEMER, C. *Ética e liberdade em Michel Foucault*. Uma leitura de Kant. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2011.